

CULTURA

Billie Eilish chegou, viu e electrizou

Música
Vitor Belanciano

Uma euforia indescritível tomou anteontem conta de 20 mil pessoas, sobretudo adolescentes, na Altice Arena, em Lisboa

Já o concerto ia na sua fase final, quando ela se sentou numa cama de ferro que se foi elevando do palco, na companhia do irmão, à guitarra, para dizer que aquela canção (*I love you*) havia sido composta a dois numa situação semelhante, no quarto, às duas da manhã. Essa é a história de parte considerável da música popular. Canções criadas em situação de intimidade, focando as angústias juvenis, acabam celebradas de forma efusiva por milhares de pessoas por esse mundo fora.

Ainda assim, no caso de Billie Eilish, de 17 anos, o caso é mais particular. É que as letras das suas canções e o imaginário desconforme e obscuro – mas inofensivo – que evoca nos seus vídeos e nos ecrãs gigantes não são de forma nenhuma aqueles a que nos habituou o mercado de massas da música pop. Essa é talvez a maior lição do concerto de quarta-feira, perante as 20 mil pessoas, maioritariamente adolescentes e seus pais, que lotaram a Altice Arena – o lado mais bizarro e atormentado do que a artista expõe acaba por se diluir no meio da autêntica comemoração que constitui o espectáculo.

Beyoncé, U2, Coldplay, Rihanna, Madonna, Kendrick Lamar – a Altice Arena já recebeu muitas noites de euforia. Mas uma recepção assim, 20 mil gargantas (enfim, alguns pais deverão ter ficado calados e confusos) cantando a plenos pulmões todas as canções do início ao fim, talvez tenha sido acontecimento de magnitude inédita. Palco e plateia estiveram tão interligados que foi impossível dissociá-los. A primeira meia hora, então, foi um autêntico dilúvio de vozes, praticamente abafando a figura da noite.

Ela chegou, visual andrógino, *T-shirt* larga, ténis num pé e no outro uma bota, acompanhada do irmão Finneas (teclados, baixo e guitarra) e de um baterista. Quando atacaram *Bad guy*, a casa veio abaixo, com uma vibração electrizante; muitos



Billie Eilish, 17 anos: mais um fenómeno da galeria de ídolos juvenis que inclui Ed Sheeran e Taylor Swift

pais ter-se-ão perguntado então o que é que lhes terá escapado nos últimos tempos. É que, como todos os grandes fenómenos do género na actual cultura fragmentária, há uma camada de público, essencialmente juvenil, que segue todos os passos de Billie Eilish e, paralelamente, uma larga fatia de pessoas que nunca ouviram falar dela.

Depois de o fenómeno se ter sedimentado nos últimos meses, principalmente após o lançamento, em Abril, do álbum de estreia *When We Fall Asleep, Where Do We Go?*, muito se tem discutido se ela corresponde ao protótipo da celebridade fabricada, ou se será um acontecimento

Billie Eilish não constitui a salvação seja do que for, mas neste preciso momento é uma mais do que saudável aragem na pop de massas

genuíno apanhado na curva do sucesso. A verdade é que, olhando para o naipe de ídolos juvenis à nossa volta, de Ed Sheeran a Taylor Swift, é impossível não ver que ela é francamente mais complexa e musicalmente mais estimulante.

Identificação total

O cenário não é barroco (com excepção do quadro da cama elevatória, nada de muito artificioso acontece), a atenção está concentrada nela. Surge por vezes à boca do palco, que entra pela plateia, e dirige-se aos fãs, pedindo-lhes para criarem círculos em *You should see in a crown*, ou para se baixarem e depois saltarem “como cangurus” em *Copypcat*. Em *Wish you were gay*, pega numa bandeira arco-íris, aludindo à comunidade LGBTI, mas nada de transcendente acontece em termos de comunicação. Porém, a relação de identificação é total.

O concerto desenrola-se em duas direcções. Há canções mais efusivas em termos rítmicos (*Bury a friend*, *Bellyache*), com linhas de baixo encorpadas e dinâmicas digitais, num jogo entre a pop electrónica e motivos repescados das ramificações da cultura hip-hop que cria um cor-

po sonoro singular, e outras que se aproximam mais da jornada introspectiva e melancólica (*Ocean eyes*, *When the party's over*, *Idon'twannabeyouanymore* ou *Listen before I go*). Num caso ou noutro, o que já conquistava em disco, e fica provado ao vivo, é a ausência de rímel. As canções são justas, descarnadas, quase como se conseguíssemos olhar para dentro delas, e as palavras conectam-nos directamente com as perplexidades adolescentes que são, tantas vezes, as da vida inteira.

No final, Billie Eilish pediu para o público ver com ela o vídeo estreado horas antes de *All the good girls go to hell*, sentando-se no palco, como se estivéssemos todos em sua casa, e tudo acabou como começara, com juras de amor mútuo e toda a gente em delírio após nova incursão em *Bad guy* que venceu a ironia do *duh!*

Foi uma bela noite. Billie Eilish não constitui a salvação seja do que for. E poderá ver-se, num futuro próximo, condicionada pelas tentativas de normalização da indústria. Mas neste preciso momento é uma mais do que saudável aragem no panorama da pop de massas.

vbelanciano@publico.pt

Mais 11 acusações contra Plácido Domingo

Assédio sexual
Inês Chaíça

São já 20 as mulheres que o acusam de assédio sexual. Novas histórias estão “cheias de inconsistências”, defende-se o cantor

O número de mulheres que acusam Plácido Domingo de assédio sexual subiu para 20, depois de a agência noticiosa Associated Press (AP) ter ontem publicado relatos de mais 11 alegadas vítimas denunciando o comportamento abusivo do cantor. As novas acusações vêm juntar-se aos casos que a AP divulgara em Agosto e seguem o mesmo padrão: ao longo dos últimos 30 anos, Domingo terá pressionado várias mulheres a terem sexo com ele a troco de trabalho; quando recusavam, prejudicava-as profissionalmente.

O cantor respondeu através da sua porta-voz, que acusou a AP de ter montado uma “campanha para denegrir Plácido Domingo”, afirmando que as novas acusações “estão cheias de inconsistências”. “Devido à investigação em curso [pela Ópera de Los Angeles, de que o cantor é director-geral desde 2017], não vamos comentar em pormenor, mas rejeitamos energicamente a imagem enganosa que a AP está a tentar dar”, prosseguia.

As novas denunciante falaram sob anonimato, à excepção de Angela Turner Wilson, que contracenou com Domingo na Ópera de Washington na temporada de 1999-2000, quando Domingo era o director artístico da instituição. Numa noite em que ficou sozinha com ele no camarim, o cantor ter-lhe-á agarrado o peito. “Doeu”, disse à AP. “Não foi gentil. Agarrou-me com força.”

Confirmando a “tradição oral” de aconselhar as mulheres a evitarem Domingo, Melinda McLain, ex-coordenadora de produção da Ópera de Los Angeles, disse à AP que fazia questão de não o deixar sozinho com jovens cantoras. Outra estratégia para reprimir o comportamento do cantor era convidar a sua mulher, Marta, para os eventos da companhia, “porque se ela estivesse por perto ele comportava-se”.

ines.chaica@publico.pt